Concepção de inclusão na educação infantil para portadores de Síndrome de Down

Fernanda Garcia Sampaio

INTRODUÇÃO

O tema que escolhi trabalhar neste meu Trabalho de Conclusão de Curso refere-se a Concepção de Inclusão na Educação Infantil para Portadores de Síndrome de Down na rede regular de ensino.

Procurei entender qual a concepção de inclusão na Educação Infantil adotada por professores de uma escola particular de São Paulo para alunos portadores de Síndrome de Down.

Com essa pesquisa visei analisar como se dá a inclusão de crianças portadoras de Síndrome de Down na Educação Infantil nesta escola, a fim de melhorar o atendimento, prestando um cuidado de melhor qualidade a estas crianças e suas famílias.

Esta pesquisa foi de grande valor e importância para a minha formação, visto que trabalho numa escola inclusiva e pretendo continuar trabalhando com a inclusão.

Procurei empregar uma metodologia construtiva no desenvolvimento deste trabalho, que é composto de uma fundamentação teórica e metodológica sobre o assunto que escolhi trabalhar, bem como das minhas considerações finais sobre o tema.

Para isso utilizei de recursos bibliográficos, através de muitas pesquisas, além das observações que fiz da escola analisada.

Na fundação teórica, discordei um pouco sobre o conceito de inclusão e educação inclusiva.

Depois fui me aprofundando mais sobre o assunto falando especificamente da inclusão na educação infantil até chegar no ponto ainda mais específico deste meu trabalho, falando sobre a inclusão na escola de Educação Infantil que escolhi observar.

Sou a favor das leis que lutam pela eliminação de todas as formas de discriminação contra a pessoa portadora de deficiência e de uma educação inclusiva com igualdade de direitos entre os cidadãos.

Fico triste ao observar o preconceito existente, mas fico ainda mais triste, pra não dizer indignada, se quando isto acontece dentro das instituições escolares.

Diante da necessidade de ampliar meu conhecimento a respeito desta temática e conhecer outras experiências relacionadas ao processo de inclusão de crianças portadoras de Síndrome de Down na rede regular de ensino. Quais os desafios enfrentados por essas crianças e seus familiares? Bem como as possíveis experiências que contribuem com o oferecimento de um cuidado de melhor qualidade a estas pessoas, com isso, me senti motivada a desenvolver esta pesquisa.

Para compreensão dos aspectos de uma melhor qualidade de vida dessas crianças, procurei conhecer o que é, quais as principais características e a melhor forma de tratamento da Síndrome de Down.

Sabendo que a criança portadora de Síndrome de Down manifesta comprometimento no desenvolvimento da linguagem, percebi a necessidade de se fazer um trabalho de estimulação precoce por meio do processo de interação, trabalho este que se faz presente através da inclusão da mesma na rede regular de ensino e é neste tipo de trabalho que tenho me dedicado.

Este tipo de atendimento definido como “Atendimento Educacional Especializado” tem, como principal objetivo, formar um sujeito que se integre à escola, aos grupos sociais, ao trabalho e à sua comunidade.

Para o sucesso da inclusão da criança, percebi a importância de investir na minha capacitação profissional, de muitas pesquisas e estudos contínuos, a fim de lidar da melhor maneira possível com a criança portadora de Síndrome de Down, facilitando a aprendizagem da mesma.

Visto que o homem é o mais evoluído dos seres e o que mais depende da aprendizagem para sobreviver, além de ser o que obtém o melhor nível de aprendizagem quando é respeitado na sua corporeidade, a escola por sua vez, precisa ser um espaço que possibilite a construção do saber revendo sempre sua função social, política e pedagógica, respeitando as diversidades.

É no cotidiano escolar que o aluno desempenha todas as suas potencialidades vivenciando também características de outros cotidianos.

Cada sujeito redefine seus conhecimentos e suas práticas processando de diferentes formas os seus aspectos cognitivo, afetivo e social na sua condição de cidadão.

Com isso, reconheço a necessidade de existir uma conscientização das necessidades individuais de cada criança, permitindo maior flexibilidade do currículo educacional, assim como também a avaliação da diversidade, preparando a criança para viver, brincar e para o trabalho em sociedade, tendo um atendimento multidisciplinar, feito por psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais.

Este tipo de atendimento não necessariamente deverá ocorrer ou ser oferecido pela escola, porém a mesma deverá orientar e certificar-se de que esse acompanhamento aconteça.

Na escola, é muito importante que o professor trabalhe movimento corporal, informática e música, de maneira estudada e planejada, procurando contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Enfim é importante que todos, família, especialistas, sociedade e escola, saibam que a tarefa de educar um portador de Síndrome de Down é um desafio a enfrentar com amor e dedicação, lembrando que não existe incapacidade e sim capacidades e habilidades diferentes, a partir de um compromisso com a pessoa e seu desenvolvimento.

Se eu, enquanto educadora do presente, não incluir, acolher e nem tampouco ensinar as crianças a serem inclusivas, acolhedoras, quando chegar a minha velhice, provavelmente, também não serei incluída, nem tampouco acolhida pelas mesmas no futuro.

1. A CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL ADOTADA POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA PARTICULAR DE SÃO PAULO PARA ALUNOS PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Síndrome de Down é um distúrbio genético causado pela existência de um cromossomo a mais no código genético do portador. Ela é caracterizada por uma combinação de diferença na estrutura corporal, e na capacidade mental, que afetam o crescimento e desenvolvimento do portador desta deficiência.

Os portadores de Síndrome de Down podem ter uma habilidade cognitiva abaixo da média, geralmente variando entre um atraso mental leve ou moderado.

Existem terapias que estimulam o portador da síndrome, proporcionando ao mesmo um melhor desenvolvimento.

Neste trabalho, falei sobre a inclusão de alunos portadores de Síndrome de Down em uma escola particular de Educação Infantil em São Paulo. Antes, porém falei um pouco apenas sobre a inclusão e a educação da mesma, bem como também apenas sobre a inclusão na educação infantil.

1.1.1 INCLUSÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva é um movimento fundamentado em direitos humanos e de cidadania, com o objetivo de eliminar a discriminação e a exclusão, garantindo o direito à igualdade de oportunidades, principalmente no que diz respeito aos sistemas de ensino, por transformá-los de modo a propiciar a participação de todos os alunos, em especial os mais vulneráveis à marginalização e exclusão.

Nesta perspectiva, Carvalho (2000, p. 2) afirma que uma escola é inclusiva quando:

> Respeita as peculiaridades e/ou potencialidades de cada aluno, organiza o trabalho pedagógico centrado na aprendizagem do aluno, onde este é percebido como sujeito do processo e não mais como seu objeto e o professor torna-se mais consciente de seu compromisso político de equalizar oportunidades, na medida em que a igualdade de oportunidades envolve, também, a construção do conhecimento, igualmente fundamental na instrumentalização da cidadania.

O conceito de educação inclusiva ganhou maior notoriedade a partir de1994, com a Declaração de Salamanca. Em um determinado trecho dela diz que:

> ... as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desavantajados ou marginalizados.

O artigo 208 da Constituição, parágrafo III, também determina que "o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".

Além destes, o Conselho Nacional de Educação em sua resolução nº 2, de dezembro de 2001, também defende que as escolas comuns devem acolher alunos com deficiências para promover a inclusão social.

No entanto, para que as crianças com necessidades educativas especiais, falando aqui mais especificamente das crianças portadoras da Síndrome de Down, sejam incluídas em escolas de ensino regular, todo o sistema regular de ensino precisa ser revisto, de modo a atender as demandas individuais de todos os estudantes.

O objetivo da inclusão demonstra uma evolução também da cultura ocidental, defendendo que nenhuma criança deve ser separada das outras por apresentar alguma diferença ou necessidade especial.

Do ponto de vista pedagógico esta integração assume a vantagem de existir interação entre crianças, procurando um

desenvolvimento conjunto, com igualdade de oportunidades para todos e respeito à diversidade humana e cultural.

No entanto, a inclusão tem encontrado imensa dificuldade de avançar, especialmente devido a resistências por parte das escolas regulares em se adaptarem de modo que consigam integrar as crianças com necessidades especiais, devido principalmente aos altos custos para se criar as condições adequadas. Além disto, alguns educadores resistem a este novo paradigma, que exige desde uma formação mais ampla, até uma atuação profissional diferente da que têm experiência.

Durante diversas etapas da história da educação, foram os educadores especiais que defenderam a integração de seus alunos em sistemas regulares, porém, o movimento ganhou força quando a educação regular passou a aceitar sua responsabilidade nesse processo, e iniciativas exclusivistas começaram a história da educação inclusiva ao redor do mundo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 58 declara o que se entende por educação especial: "Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educarmos portadores de necessidades especiais."

A inclusão não é uma conquista fácil, mas é possível e se faz muito necessária, porém para que isto aconteça, o sistema educacional deve fazer algumas mudanças, a começar pela mentalidade de seus integrantes em perceber que não são as crianças portadoras da Síndrome de Down que devem se transformar para se integrar ao sistema, mas sim o sistema que deve ser adaptar para a integração dessas, por fazer das diferenças um ponto de partida na educação, para o desenvolvimento de estratégias e processos cognitivos adequados.

O preconceito em relação aos portadores da Síndrome de Down fez com que estes fossem rotulados no passado como pessoas doentes, incapazes de aprender na escola e excluídos do convívio social, porém atualmente, com as experiências da educação especial, sabemos que o portador da síndrome possui apenas um ritmo de aprendizado mais lento e com isso trabalham justamente com a finalidade de acelerar esse processo.

O professor competente tem consciência de sua importância e da função que desempenha perante este momento tão importante, percebendo que a educação dada com amor tem resultados excelentes, visto que é realizada com dedicação e respeito, buscando favorecer o crescimento e desenvolvimento do aluno.

Segundo Stainback e Stainback (1999, p. 25):

> Para que a reforma das escolas obtenha sucesso, estas devem tornar-se claramente comunidades acolhedoras em que todos os alunos se sintam valorizados, seguros e apoiados. Se essa característica for negligenciada ou se sua importância for subestimada, os alunos com necessidades especiais vão continuar a ser segregados e as escolas para todos os alunos não conseguirão atingir seus objetivos.

Outro conhecimento que se faz muito necessário para o educador é o de uma abordagem holística da vida do portador da síndrome, pois a relação familiar pode revelar muitos sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, acarretados de informações que podem ser úteis para o trabalho do professor, além da contribuição de outros profissionais que colaboram no desenvolvimento deste.

Para se trabalhar com a inclusão, é fundamental que o professor entenda e aceite que cada criança tem um ritmo, sendo ela uma portadora de necessidade especial ou não.

Bueno afirma (1993) que:

> O que se deve ter em mente é que para a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular, há que se contar com professores preparados para o trabalho docente que se estribem na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar e da qualificação do rendimento do aluno, ao mesmo tempo em que, dentro dessa perspectiva, adquira conhecimentos e desenvolva práticas específicas necessárias para a absorção de crianças com necessidades educativas especiais.

1.1.2 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inclusão deve ser trabalhada desde a fase da Educação Infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu 3º parágrafo do artigo 58 garante que "a oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil."

É plenamente possível trabalhar a educação inclusiva, desde a educação infantil, fazendo inicialmente uma avaliação do grau de dificuldade da criança para que, a partir daí, sejam feitas as necessárias intervenções dentro da escola, abrangendo as áreas de educação física, pedagogia e psicologia que atuam nas áreas cognitivas, de linguagem, motora e social. Com esse trabalho, muitas crianças portadoras da Síndrome de Down têm a chance de desenvolver suas capacidades com acolhimento e respeito.

Segundo WERNECK (1995, p. 164):

> Os portadores de Síndrome de Down tem capacidade de aprender, dependendo da estimulação recebida e da maturação de cada um o desenvol-

vimento afetivo e emocional da criança também adquire papel importante.

É preciso conhecer a criança sem o rótulo de uma doença. Isso só é possível se o professor se conscientizar de que tem que se desprender do preconceito. Além disso, a escola precisa dispor de um bom projeto pedagógico, adaptado às necessidades e interesses dessas crianças.

A aprendizagem pode, por exemplo, ser estimulada a partir do concreto para consolidar o conhecimento.

O ensino deve ser divertido e fazer parte da vida cotidiana, despertando assim o interesse pelo aprender.

Elementos simples como músicas, ritmos, movimentos, cores e texturas são ferramentas valiosas na recuperação do portador de Síndrome de Down.

A arte estimula regiões do cérebro que outras técnicas não conseguem alcançar, pois tem um poderoso dom de elevar a autoestima do portador de deficiência, além de favorecer na sua integração com a sociedade.

O uso de brinquedos e jogos educativos também se tornam muito eficazes na aprendizagem se o educador usar um pouco de imaginação e criatividade na introdução das brincadeiras, tornando-as prazerosas e interessantes.

As Creches e Escolas de Educação Infantil precisam ter espaço com recursos físicos e materiais bem planejados para as crianças se movimentarem, terem acesso a descobertas, vivências novas e constantes para o seu aprendizado ser significativo, além de proporcionar que as mesmas se sintam à vontade num lugar aconchegante onde elas possam explorar o ambiente cultural, mexer, engatinhar, correr, descansar.

Propostas assim devem nortear o trabalho da educação infantil para que ele seja um grande aliado a fim de que o movimento da inclusão possa dar certo na educação atual rumo a uma educação de qualidade.

As crianças portadoras da Síndrome de Down, quando passam a frequentar estes espaços acolhedores de diversidade, sentem-se integradas, pois o olhar que direcionam a ela não é o de que precisam atender uma criança deficiente, mas, sim o que esse ambiente pode fazer e ganhar com a presença dessa nova criança onde a rotina dela deve ser estimulante e agradável, respeitando suas diferenças, acreditando e ao mesmo tempo, incentivando o potencial de suas habilidades e diferentes inteligências. Como Mantoan (1997, p. 117) afirma:

> A inclusão escolar é incondicional, portanto não admite qualquer forma de segregação. Esta opção de inserção tem como meta principal não deixar nenhum aluno no exterior do ensino regular, desde o início da escolarização...

Dentro de toda essa pluralidade, cada criança tem o seu jeito de ser, de expressar, de falar, de contar suas histórias e de trabalhar e compartilhar seus medos e conquistas.

Considerando tudo isso, o trabalho educacional com a diversidade vem a somar junto com as famílias no caminho de se construir uma sociedade mais justa onde o direito à cidadania inicia-se na tenra infância com uma escola de qualidade que trabalha a diferença como interações que são importantes na convivência diária dessas crianças à construção do alicerce de uma pessoa melhor, mais tolerante e que respeita cada indivíduo dentro desta sociedade, como ainda defende Mantoan (1997, p. 70) que afirma:

> ...Nesta perspectiva, a possibilidade de conflitos sócios cognitivos significativos aumenta na medida em que o contexto social é diversificado. Estes conflitos tem um valor motivacional importante tanto para os alunos com necessidades especiais como para os alunos ditos normais. Em efeito, várias pesquisas têm demonstrado que a classe inclusiva favorece aos alunos comuns.

1.1.3 INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PRIVADA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

"Instituição favorável à transformação social" – é assim que defino uma escola privada de Educação Infantil em São Paulo. Esta defende uma proposta Inclusiva de educação e o direito das crianças portadoras de necessidades educativas especiais exercerem plenamente sua cidadania.

A acessibilidade para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em tal escola é satisfatória, possuindo um ambiente adequado e aconchegante aos seus alunos com muita área verde, além de outras áreas específicas quer fora, quer dentro das salas de aula, organizadas para que os mesmos possam construir, criar, espalhar materiais, trabalhar sozinhos e em conjunto.

As salas de aula são bem aconchegantes, possuem figuras e cartazes coloridos e estimulantes, favorecendo o trabalho, a convivência e a harmonia da turma, apesar de haver na escola outras salas para atividades específicas como, por exemplo, a sala de músicas, a sala de jogos e a sala de informática.

Observamos que dentro das próprias salas de aula, o ambiente é adequadamente dividido com cantinhos como o da leitura e dos jogos pedagógicos, onde ficam livros de histórias infantis e joguinhos ao alcance das crianças.

Esses cantos ajudam os alunos a se organizarem frente às opções de trabalho disponíveis na sala, facilitando-lhes a escolha das atividades, pelas quais desenvolverão durante o dia letivo. Os mesmos se constituem em fontes de classificação e ordenação do pequeno mundo que é a classe, sendo

que dele o aluno constrói relações que o ajudarão a organizar o mundo em que vive lá fora e dentro de si próprio.

Isto está em harmonia com a proposta de WERNECK (1995, p. 161) para o processo educativo diferenciado do Portador de Necessidades Educativas Especiais: "as decisões para a organização da sala, para as atividades a serem desenvolvidas nas salas são tomadas pelos alunos em conjunto, sob a orientação do professor".

A organização destes espaços é resultado de ações planejadas com seriedade, visto que afeta a rotina das crianças e profissionais da educação. Tal organização tem como objetivo propiciar avanços significativos no processo de identidade de cada criança, colaborar para a interação das crianças ao escolher, alterar e modificar a maneira como utilizam os espaços e os materiais existentes nele.

Para Abramowicz (1995, p. 39), é fundamental a organização dos espaços e o uso que adultos e crianças fazem dele. Ele diz:

> É preciso garantir espaços diferenciados para repouso, alimentação, higiene corporal, brincadeiras de faz-de-conta, atividades físicas e expressivas, leitura e escrita, jogos de mesa e de construção.
>
> ...São condições mínimas de organização do espaço que devem ser respeitados para, com o tempo, serem modificadas por crianças e adultos.

A escola dispõe de todos estes espaços citados por Abramowicz. Os professores, por sua vez, procuram dar o melhor atendimento possível a todos os seus alunos, incluindo os portadores de necessidades educativas especiais e falando mais especificamente, aos alunos portadores da Síndrome de Down.

Ao invés de encarar a inclusão destes alunos como um problema, os professores procuram encará-la como um desafio em se mostrarem capazes de dar a sua contribuição fazendo a diferença na vida do aluno portador da Síndrome de Down, buscando sempre entender o seu universo ao invés de simplesmente, esperarem soluções mágicas ou fórmulas prontas.

Eles entendem que não há motivos para se separar estes alunos na educação. Pelo contrário, acreditam que a heterogeneidade ensina, até porque não há conteúdo de ensino ou cuidado que ocorra em uma escola especial, que não possa ser implementado também na escola regular.

Além disso, concordam que a educação inclusiva ajuda todas as crianças a estabelecerem relações, respeitando as diferenças e preparando-as para a vida, especialmente no caso do aluno portador de Síndrome de Down, promovendo a amizade, o respeito, a compreensão, a cooperação e a integração destes no convívio com os colegas.

A escola é sócio construtivista. Adere ao material Anglo de ensino. Através deste material, as crianças aprendem a conviver com alguns personagens, contidos no mesmo, bem diferentes uns dos outros, que as acompanham nos livros desde a fase Maternal até o Nível II (último ano da Educação Infantil), sendo que um destes personagens é portador de necessidades especiais (um cadeirante).

Através das histórias e atividades que este material proporciona, as crianças aprendem a conviver com as diferenças e a respeitá-las.

A equipe da escola reconhece que ainda há muitos campos para melhorar e um longo caminho a percorrer para alcançar um padrão de inclusão ideal. Muita coisa já está sendo feita para alcançar tal propósito, mas acreditamos que o segredo está justamente na constante busca da melhoria e não na acomodação quando se achar uma solução que se considere perfeita ou ideal.

1.2 METODOLOGIA

Depois de pesquisar as diferentes fontes bibliográficas, observei e vivenciei como se dá o trabalho de inclusão de alunos portadores da Síndrome de Down em uma Escola de Educação Infantil.

As observações advindas vieram a ser por intermédio de uma pesquisa qualitativa a fim de verificar, na prática, como se dá a inclusão desses alunos.

Foi empregada a metodologia de pesquisa bibliográfica e comparadas as iniciativas de inclusão dessas pesquisas com a inclusão empregada na escola que observei.

As pesquisas contribuíram muito com meu entendimento do tipo de inclusão que é apropriadamente esperado nas escolas.

Elas me ajudaram a perceber que a escola analisada, bem como seus professores estão no caminho certo para atingir este objetivo, visto que, no geral, procuram ter uma concepção correta de inclusão de seus alunos.

Outro fator interessante é que estes professores sentem que o trabalho com alunos portadores da Síndrome de Down tornou-se um possível trabalho significativo, não somente para tais alunos, como também para todos os outros.

Trabalhando diretamente com o aluno portador de Síndrome de Down, ficamos satisfeitos com o rumo que a inclusão está tomando nesta escola, pois, compreendemos que se faz necessária as alterações que estão sendo feitas do foco dentro da educação e esta deve estar direcionada para o aluno e a qualidade de ensino, independentemente das limitações ou habilidades que esses alunos possam ter.

A mudança está à nossa frente, e o desafio de alcançarmos também, porém só atingiremos isso se não desistirmos dessa finalidade que visa o melhor para todos.

Tenho consciência de que essa reflexão sobre a melhor forma de inclusão para alunos portadores da Síndrome de Down, bem como para os alunos portadores de outras necessidades especiais, não para por aqui ao final deste trabalho e pesquisa.

Para se obter sucesso na inclusão, também em outras escolas regulares de ensino, é necessário buscar condições para que isto aconteça. Conforme Ribeiro e Baumel (2003), a escola para ser inclusiva e aceitar a diversidade deve estar preocupada com seu sistema organizacional para estar preparada para acolher as diferenças de cada aluno, isto inclui fazer as devidas adequações no espaço físico e, também, conceder apoio aos educadores para que o aluno de inclusão venha realmente a fazer parte da escola e não apenas da sala de aula da professora em questão, muitas vezes sentindo angústia por estar realizando um trabalho solitário e que a impede de avançar com sua turma em conjunto com esse aluno como fazendo parte integrante da turma.

A união de todas as instâncias da sociedade é um fator determinante para a conquista de uma educação melhor, onde essa diversidade passará a ser aceita, através da conscientização de que o reflexo desta sociedade passa pela escola enquanto um espaço de bem social, formador de indivíduos de visão crítica do mundo atual, sendo que, para essa realização tão esperada acontecer, é vital a cooperação mútua de todos os envolvidos com a educação, tendo como alvo a disseminação destes objetivos essenciais para a mudança de paradigma dessa sociedade, muitas vezes, preconceituosa.

O trabalho de inclusão deve nortear todas as instâncias de apoio como a família, a escola, o serviço de apoio e especializado como a saúde, ficando a responsabilidade de todos os envolvidos nesta conquista de aceitação do aluno portador de necessidades educativas especiais e consequentemente, de toda a diversidade que a sociedade coloca para a escola em estabelecerem estas redes de apoio rumo a estes objetivos reais e necessários.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de Conclusão de curso, abordei sobre o tema "Concepção de Inclusão na Educação Infantil para Portadores de Síndrome de Down", no qual mostrei a concepção dessa inclusão dos professores de uma determinada escola em São Paulo.

O procedimento metodológico que escolhi partiu de muita observação e de uma pesquisa qualitativa que mostrou como é feita a inclusão dos alunos portadores de Síndrome de Down na prática.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica comparada com as pesquisas feitas e a observação das iniciativas de inclusão empregadas na escola escolhida.

Como resultado de tanto tempo e dedicação trabalhando em cima de pesquisas, percebi como se deve dar a inclusão dos portadores de Síndrome de Down nas escolas.

Foquei como objetivo do meu Trabalho de Conclusão de Curso analisar como se dá a inclusão de crianças portadoras de Síndrome de Down na Educação Infantil nesta escola que escolhi observar, a fim de melhorar o atendimento, prestando um cuidado de melhor qualidade a estas crianças e suas famílias e foi isso o que procurei fazer.

Através das observações feitas nesta instituição, pude notar, não digo que a maneira mais correta, pois acredito que nunca se definirá a melhor maneira ou uma solução pronta para se trabalhar com a inclusão de portadores de Síndrome de Down, mas uma ótima sugestão de como se começar a fazer isso, partindo posteriormente para uma busca infinita, com muita pesquisa e dedicação, de a cada dia melhorar, se inovar e adquirir novos conhecimentos, novas atitudes, novas posturas para o desenvolvimento deste trabalho.

Estou de acordo com algumas declarações de alguns educadores que mencionei neste meu TCC, como por exemplo as declarações de Teixeira, Mantoan, Carneiro, Rabelo, entre outros.

Para Teixeira (1990, p. 92), a escola deve valorizar e aceitar as diferenças, respeitando o fato de que:

> Uma concepção ampliada de educação conduz necessariamente à valorização e aceitação da diferença e alteridade que conduz entre si a ideia de que não existe uma única maneira correta de educar, mas estilos diferentes de educação, aos quais devem corresponder necessariamente diferentes formas de se organizar a escola.

O trabalho com portadores da Síndrome de Down é muito significativo não somente para eles que são incluídos, mas para todos em sua volta que os incluem, sejam estes alunos, colegas, professores, funcionários, familiares ou amigos.

É notável o desenvolvimento de habilidades de aceitação e flexibilidade que são consideravelmente importantes para a vida em sociedade democrática nas crianças que convivem com um coleguinha portador de necessidades especiais, pois através disso, as mesmas puderam desenvolver uma habilidade maior para liderança e cooperação. Elas se mostraram mais voluntárias a ajudar os outros e desenvolveram uma postura crítica contra preconceitos à pessoas com deficiência.

Incluir em nossas vidas e em nossa convivência um portador de Síndrome de Down traz inúmeros benefícios para nós e para a sociedade, pois nos ajuda a nos tornarmos pessoas muito melhores, mais humanas, mais pa-

cientes, mais bondosas e mais flexíveis por aprendermos a conviver com a diversidade e respeitar as diferenças.

Também nos conscientiza das constantes mudanças que devem ser feitas continuamente no atendimento do ensino e na educação prestadas a esses alunos, visando a melhoria da qualidade de ensino e ao mesmo tempo, respeitando as limitações dos mesmos.

As crianças portadoras de Síndrome de Down necessitam de constante estimulação, que deve começar bem cedo em sua vida, principalmente por causa do comprometimento de sua linguagem oral.

A estimulação através da inclusão é muito importante, pois ajuda estas crianças a integrarem-se na escola e na sociedade em geral, sendo as mesmas futuras trabalhadoras e integrantes participativas em seu convívio social e em sua comunidade.

Para Carneiro (1997, p. 34) "A questão da integração representa um movimento de inovação do sistema de ensino que, em princípio, já deveria existir, abrangendo as diferenças existentes mesmo entre os não deficientes."

Como educadora, reconheço a minha responsabilidade de fornecer subsídios para que isso se torne possível, demonstrando também afetividade, confiança, respeito e empatia no relacionamento com o aluno.

O papel do professor deve ser o de facilitador da aprendizagem, sempre aberto a novas experiências.

Para que isto se torne possível, se faz necessário constantes estudos, pesquisas e busca de capacitação profissional, afinal a contribuição que um formador de opiniões pode dar na sociedade é imprescindível.

Para Mantoan (1997, p. 13) "É através da escola que a sociedade adquire (...) conceitos de participação, colaboração e adaptação. Embora outras instituições como família ou igreja tenha papel muito importante, é da escola a maior parcela."

Podemos incentivar atitudes inclusivistas, trabalhando o lado positivo de nossos alunos, visando a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Nesse meu estudo, percebi que a instituição escolar observada é inclusiva, defendendo o direito das crianças portadoras de necessidades educativas especiais exercerem plenamente sua cidadania.

Esta mostra-se ser exemplar na acessibilidade que tem para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Os recursos e materiais pedagógicos disponíveis em suas salas de aula são variados, fartos e significativos para a aprendizagem.

Os professores acreditam que todo aluno é capaz de aprender, pois se mesmo entre os ditos "alunos normais" existe a diversidade e ainda assim, todos aprendem, porém cada um no seu próprio ritmo e ao seu próprio tempo, da mesma maneira, as crianças portadoras de necessidades especiais também são capazes de aprender, desde que sejam respeitadas suas limitações.

O bom planejamento das aulas torna o aprendizado prazeroso, significativo e possível para todos.

São muitos os aspectos positivos da prática de inclusão das crianças portadoras de Síndrome de Down na escola.

Pude notar que tais crianças aumentaram suas capacidades de atenção, de comunicação e de participação em atividades educativas, desenvolvendo mais amizades na sala de aula regular, ambiente este rico em situações de aprendizagem, e construindo um círculo de amigos.

Este círculo de amigos inclui não somente os professores, mas também os próprios alunos, que ajudam tais crianças no desenvolvimento das atividades de sala de aula.

A convivência com crianças portadoras de Síndrome de Down fez com que os colegas de classe se tornassem crianças menos egoístas e mais compreensivas e de modo geral, a passarem a entender melhor as mesmas.

Também notei que as crianças portadoras de necessidades especiais tem se tornado a cada dia pessoas cada vez mais sociais e comunicativas, além de também terem reduzido significantemente os comportamentos considerados inapropriados para a cooperativa participação na sala de aula regular, como por exemplo balançar o corpo ou as mãos ou fazer sons e ruídos.

Conversando rapidamente com a mãe de um aluno portador de Síndrome de Down, ela me reportou que os benefícios da inclusão de seu filho é visível na comunicação e sociabilidade que o mesmo passou a demonstrar. Disse se sentir encorajada pela escola participar da educação de seu filho incluso em suas salas de aulas regulares.

Os maiores desafios que pude perceber para se fazer com que a inclusão se torne eficiente, inclui estarmos sempre abertos às constantes mudanças que se fazem necessárias no processo educacional, atualizando e modificando formas de pensamentos, ideias e atitudes.

Para Rabelo (1999, p.20)

> "hoje, o grande desafio é a elaboração de uma política educacional voltada para o estabelecimento de uma escola realmente inclusiva, acessível a todos, independentemente das diferenças que apresentam, dando-lhes as mesmas possibilidades de realização humana e social".

Não podemos nos acomodar e parar no tempo como se tivéssemos encontrado uma única e infalível solução para se tratar da inclusão, nem podemos achar que sozinhos vamos conseguir fazer toda esta mudança.

Precisamos do apoio de toda a sociedade para abraçar esta causa, dando abertura para que a inclusão aconteça em suas mais diversificadas situações.

Tratar todos como indivíduos únicos, reconhecendo que todos nós somos seres inacabados, contendo nossas falhas e limitações é o primeiro passo para chegarmos ao ponto de uma sociedade igualitária.

Para Mantoan (1997, p. 120), "(...) ao incluir o aluno com deficiência mental na escola regular, estamos exigindo desta instituição novos posicionamentos diante dos processos de ensino e de aprendizagem, à luz de concepções e práticas pedagógicas mais evoluídas."

Acredito que se hoje ainda são apenas algumas experiências locais, as que estão demonstrando a viabilidade da inclusão em escolas e redes de ensino brasileiras, temos que lutar a fim de que estas experiências sejam o início do crescimento desse novo paradigma em todo o sistema educacional.

É preciso ganhar forças com o trabalho de busca na reinvindicação de políticas públicas, visto que a inclusão na escola está assegurada pela lei e devido a isso, a mesma deve conceder recursos necessários para esta acontecer com o padrão de qualidade que a própria instituição apresenta.

O Estatuto da Criança e do Adolescente recomenda, em seu Art. 15 "A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como seres humanos em processo de desenvolvimento... "

E continua, no Art. 53 "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa... assegurando-se lhes igualdade de condições para o acesso e permanência na escola..."

A LDB da Educação Nacional nº 9394/96, em seu Capítulo V, art. 58 da Educação Especial, diz que: "Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais".

Sabe-se que essa busca é árdua, pois os direitos do cidadão atualmente estão sendo lesados em diversos sentidos e com o trabalho para uma educação inclusiva, não acontece diferente.

Por isso, para que a escola para seja considerada inclusiva de forma a aceitar a diversidade, deve estar preocupada com seu sistema organizacional, verificando se está preparada para acolher as diferenças de cada aluno.

Isso inclui fazer as devidas adequações no espaço físico e também conceder apoio aos educadores para que o aluno de inclusão venha realmente fazer parte da escola e não apenas da sala de aula da professora em questão, muitas vezes sentindo angústias por estar realizando um trabalho solitário e que a impedem de avançar com sua turma em conjunto com esse aluno como fazendo parte integrante desta turma.

A união de todas as instâncias da sociedade é um fator determinante para a conquista de uma educação melhor, onde essa diversidade passará a ser aceita, através da conscientização de que o reflexo desta sociedade passa pela escola enquanto um espaço de bem social, formador de indivíduos de visão crítica do mundo atual, sendo que, para essa realização tão esperada acontecer, é vital a cooperação mútua de todos os envolvidos com a educação, tendo como alvo a disseminação destes objetivos essenciais para a mudança de paradigma dessa sociedade, muitas vezes, preconceituosa.

Crianças com Síndrome de Down, geralmente reagem bem ao carinho. Quando recebe amor, retribuem em dobro.

Assim como qualquer outra pessoa, seu desenvolvimento é influenciado pela qualidade dos cuidados, da educação e da experiência social que lhe são oferecidos.

Embora leve mais tempo para aprender as coisas, frequentar uma escola regular de ensino, convivendo com outras crianças da mesma idade, ajudam os portadores de Síndrome de Down a ter mais independência, interagir com outros e se desenvolver intelectualmente.

A plena integração da criança portadora de Síndrome de Down em escolas comuns resulta em grande vantagem, visto que aprendem a brincar com outras crianças que, por sua vez também aprendem a tratar a mesma como qualquer outra criança e a incluí-la em todas as suas atividades.

Cada criança com Síndrome de Down é diferente e tem seus próprios talentos, sendo capazes de se tornarem membros ativos da sociedade, levando uma vida gratificante.

Incluir uma criança com Síndrome de Down não é um mar de rosas. Requer muito tempo, esforço e dedicação, bem como paciência e expectativas realistas.

No entanto, toda esta dedicação por parte de todos os que convivem com o portador de Síndrome de Down é recompensada com o tempo ao se observar o progresso deste, que durante toda a sua vida continuam a amadurecer, aprender e se beneficiar de novas oportunidades e situações.

Concluindo, o trabalho de inclusão de crianças portadores de necessidades especiais no sistema de ensino, incluindo as portadoras de Síndrome de Down, a quem eu dediquei minha atenção especial no desenvolvimento deste trabalho, deve nortear todas as instâncias de apoio como a família, a escola, o serviço de apoio e especializado como a saúde, ficando

a responsabilidade de todos os envolvidos nesta conquista de aceitação do aluno portador de necessidades educativas especiais e consequentemente de toda a diversidade que a sociedade coloca para a escola em estabelecerem estas redes de apoio rumo a estes objetivos reais e necessários.

REFERÊNCIAS

ARNAVAT, Antonio Rigo; DUEÑAS, Gabriel Genescas. **Como elaborar e apresentar teses e trabalhos de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAUMEL, Roseli C. R. de C. **Educação Especial Do Querer ao Fazer**. São Paulo: Avercamp Educação Editora, 2003.

Benatti, A. N. et alii. **Síndrome de Down: estimulação de fala e linguagem**. São Paulo: Projeto Down,1989.

BUENO, J. G. S. **Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?** Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=67:criancas-com-necessidades-educativas-especiais-politica-educacional-e-aformacao-de-professores-generalistas-ou-especialistas&catid=5:educacaoespecial&Itemid=16. Acesso em: 05 abr. 2011.

CARNEIRO, Rogéria. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Artigo nº 208, parágrafo III. Disponível em: http://paraiso.etfto.gov.br/admin/upload/docs_upload/legisla01_constituicao.pdf.

Danielski, V. **Síndrome de Down**. São Paulo: Ave Maria, 1999.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA sobre **Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf; http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf; http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURLAN, Fernanda; NASCIMENTO, Francielle Rupp do. **A pesquisa e o Professor: desafio atual da Educação**. Disponível em: http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/A%20PESQ UISA%20E%20O%20PROFESSOR.pdf. Acesso em: 01 abr. 2011.

IVERSON, A. M. **Estratégias para o Manejo de uma Sala de Aula Inclusiva**. In: Stainback, S. & Stainback W. Inclusão _ Um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. Capítulo V, artigo 58. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

MELLO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia**. Curitiba: IBPEX, 2009.

MICHAEL, Angrosino. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa)

RABELO, Annete Scotti. **Adaptação Curricular na Inclusão**. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC-ano 9, n1 21, 1999.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri Ribeiro. **Educação Especial Do Querer ao Fazer**. São Paulo: Avercamp Educação Editora, 2003.

Sampedro, M.F.; Blasco, G.M.G. & Hernandez, A. M. M. **A criança com síndrome de Down**. In: Bautista, R. (Coord.) Necessidades Educativas Especiais.

Lisboa: Dinalivros, 1997. pp. 225-235 http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?393; http://www.meucorpoperfeito.com.br/mapa-da-sindrome-de-down/

SILVA, Sidney Pithan; GREZZANA, José Francisco. **A pesquisa como princípio educativo**. Curitiba: IBPEX, 2010.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educador**es. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Antopologia, Cotidiano e Educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. (Org.). **Manual para Trabalho de Conclusão de Curso**. Curitiba: IBPEX, 2009.

WERNECK, Cláudia. **Muito Prazer eu Existo**. Rio de Janeiro: WVA, 1995.